



INSTITUTO FEDERAL
Rondônia



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

Adriano Bueno

Márcia Chaves Montinho Venturin

**A RELEVÂNCIA DO ESPAÇO DO AUTISTA E SUA AMPLIAÇÃO PARA A
ESTÂNCIA TURÍSTICA DE OURO PRETO DO OESTE**

Estância Turística de Ouro Preto do Oeste - RO

Outubro/2022

FICHA CATALOGRÁFICA
IFRO - CAMPUS PORTO VELHO ZONA NORTE

B928 Bueno, Adriano.

A relevância do espaço do autista e sua ampliação para a estância turística de Ouro Preto do Oeste / Adriano Bueno; Márcia Chaves Montinho Venturin – Ouro Preto do Oeste, Rondônia, 2022.

23 f.: il.

Orientador: Prof. Esp. Vinicius de Souza Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública – Modalidade Educação à Distância – EAD).

1. Autismo. 2. Arquitetura. 3. Acessibilidade. 4. Desenvolvimento. 5. Inclusão social. I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia. II. Título.

CDD: 362.4
371.9

Bibliotecária Responsável: Gizele de Melo Viana CRB11/914

Adriano Bueno
Márcia Chaves Montinho Venturin

**A RELEVÂNCIA DO ESPAÇO DO AUTISTA E SUA
AMPLIAÇÃO PARA A ESTÂNCIA TURÍSTICA DE OURO PRETO
DO OESTE**

Artigo apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, como requisito para a obtenção do título de Tecnólogo em Gestão Pública.

Nome do Orientador: Prof. Esp. Vinícius de Souza Santos

Estância Turística de Ouro Preto do Oeste - RO
Outubro/2022

A relevância do espaço do autista e sua ampliação para a Estância Turística de Ouro Preto do Oeste

Adriano Bueno¹
Márcia Chaves Montinho Venturin²
Vinícius de Souza Santos³

Resumo

A Arquitetura, em suas mais diversas manifestações, tem a razão principal de ser vivida, habitada. A percepção, a compreensão e, com isso, a apropriação que cada pessoa faz do ambiente ao seu redor é diferente, no entanto, como afirma Beaver (2006), existem diversos fatores no uso e interpretação do lugar que são comuns à grande maioria dos usuários, o que nos permite afirmar que, mesmo dentro desta diversidade, o ambiente construído será aprendido, utilizado e habitado de uma determinada forma, ou, no pior dos casos, com ligeiras variações do que foi planejado, neste intuito a proposta deste artigo é abordar a relevância da criação do espaço do autista para instancia turística de Ouro Preto Do Oeste, objetivando atender a demanda do público autista deste município, com conforto, acessibilidade e integração social, segundo as normas do CEETOV, para tal será utilizado uma pesquisa bibliográfica com caractere qualitativo, objetivando por meio dos teóricos, que a embasarão demonstrar a relevância da criação de um espaço flexível interativo e adequado, para os autistas, que venha a atender as suas características e particularidades.

Palavras-chave: Autismo. Arquitetura. Acessibilidade. Desenvolvimento. Inclusão Social.

1 INTRODUÇÃO

Hoje, na prática da arquitetura, levamos em consideração a experiência que indivíduos com diferentes tipos e graus de deficiência (principalmente visual, auditiva e motora) terão no ambiente, e projetamos desta forma espaços que também possam ser vividos, habitados e apropriados por essas pessoas. Entramos então no conceito de acessibilidade. Este conceito, porém, segundo reflexão de Sánchez (2011), se manifesta na maioria das situações de forma meramente física, como uma forma de permitir às pessoas com deficiência o acesso físico a edifícios ou espaços, o que, em última estância, lhes permite habitar aqueles ambientes.

Existem, no entanto, como Smith (2009) pondera, muitas outras deficiências que não são tão “visíveis”, e que são frequentemente ignoradas nesta tarefa de tornar o

¹Graduando em Gestão Pública pelo Instituto Federal de Rondônia – IFRO, E-mail: adrianobuenoopo@gmail.com

²Graduando em Gestão Pública pelo Instituto Federal de Rondônia – IFRO, E-mail: marcia_montinho@hotmail.com

³Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Especialista em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais pelo Instituto Educacional Maris (IEMAR) e Professor Bolsista de Orientação de TCC pelo IFRO/Zona Norte. E-mail: vinicius.santos@ifro.edu.br

ambiente acessível. Para estas pessoas com deficiências cognitivas ou sensoriais específicas entre as quais os indivíduos com autismo podem ser encontrados, a maneira como os espaços serão percebidos e habitados é mais complicada: Sánchez (2011) explica que devido às suas deficiências, estes indivíduos são obrigados a fazer um esforço, por vezes enorme, para conseguir compreender o ambiente à sua volta.

Neste esforço, então, devido à dificuldade em processar as informações que recebem por meio dos sentidos, uma série de elementos como música muito alta em um supermercado ou shopping, o acúmulo de cartazes, símbolos ou letreiros de neon, para citar alguns exemplos, pode se tornar uma barreira, atrapalhando a compreensão do ambiente, e, por sua vez, originar frustrações e comportamentos atípicos (gestos, enunciados verbais, movimentos inusitados, dentre outros). (Smith, 2009)

Smith (2009) conta como aos olhos de um observador casual presenciando aquele cenário, toda a situação seria percebida simplesmente como um comportamento inadequado, enquanto, na verdade, é o desequilíbrio entre o ambiente e a capacidade do indivíduo de se adaptar a ele, de aprendê-lo, que desencadeou o comportamento aparentemente inapropriado.

Smith (2009) exemplifica como a criança com autismo quando comparada a outra criança da mesma idade pode se comportar de maneira totalmente diferente, no entanto, dentro do contexto social, no parquinho, por exemplo, ela pode simplesmente ser julgada como uma criança mais nova brincando sozinha, assim como um jovem com lesão cerebral em um shopping ou supermercado pode ser entendido como zangado, agressivo ou mal comportado.

A razão para estes comportamentos não é evidente para o observador. Compreendemos desta forma a importância da consideração do ambiente construído como um fator importante que influencia muito - direta e indiretamente - estes indivíduos com deficiências como o autismo. (Sánchez, 2011)

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A American Association on Intellectual and Developmental Disabilities - AAIDD (1992) sugere um olhar multidimensional da deficiência intelectual, compreendendo-a a partir de três grandes dimensões: as habilidades do indivíduo; o ambiente em que ele está inserido e o grau de necessidade de suporte e apoio em sua vida. Esta consideração multidimensional, como Cruz (2015) pondera, permite superar a concepção de que a deficiência intelectual é uma condição estática e difunde a ideia de que o desenvolvimento da pessoa com deficiência pode variar de acordo com os apoios

e suportes que ela recebe. Este conceito passou a ser adotado como referência para diagnosticar e classificar a deficiência intelectual em diferentes países, dentre eles o Brasil.

Nesta abordagem da AAIDD (2006), a qual coloca a deficiência como uma circunstância - um estado de funcionamento, nas palavras de Cruz (2015) -, e não como uma característica essencial da pessoa, a deficiência intelectual é analisada em cinco dimensões: A Dimensão I - Habilidades Intelectuais - inclui o raciocínio, planejamento, resolução de problemas, pensamento abstrato, compreensão de ideias complexas e está ligada ao aprendizado e às experiências (AAIDD, 2006).

A Dimensão II - Comportamento Adaptativo - reúne habilidades conceituais (relacionadas às atividades acadêmicas, cognitivas e de comunicação, tais como a linguagem, a leitura e a escrita), habilidades sociais (relacionadas à competência social, tais como senso de responsabilidade, autoestima, credulidade, ingenuidade, observância de regras, normas e leis) e habilidades práticas (relacionadas à vida diária, como comer, se locomover, usar o banheiro, se vestir, preparar refeições, cuidar da casa, tomar remédios, entre outras) (AAIDD, 2006).

A Dimensão III - Participação, Interação e Papéis Sociais - diz respeito à participação do indivíduo na vida comunitária e as relações sociais estabelecidas por ele no mundo físico e social (AAIDD, 2006). A Dimensão IV - Saúde -, trata do conceito definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1948 como “um estado de bem-estar completo, físico, mental e social e não apenas a ausência de doenças”. Nesta dimensão, como destaca Cruz (2015), entendemos que indivíduos com deficiência intelectual podem ter dificuldades em reconhecer problemas de saúde, em lidar com os sintomas e sentimentos, e em entender os planos de tratamento (AAIDD, 2006).

A Dimensão V - Contexto - está relacionada ao cotidiano dos indivíduos, e envolve pelo menos três níveis diferentes: o ambiente social imediato, que inclui o indivíduo e sua família; o ambiente social próximo, que inclui os vizinhos, a comunidade local e a escola; e o ambiente sociocultural, que envolve a população mais ampla, a cultura, a sociedade, as normas e as leis. Estes ambientes são importantes, pois determinam o que os indivíduos estão fazendo, onde, quando e com quem (CRUZ, 2015). São nestes ambientes que se desenvolvem as oportunidades e o bem-estar das pessoas com deficiência intelectual.

Nas próximas seções iremos apresentar o programa de atividades do CEETOV (Centro de Educação Especial, Terapia Ocupacional E Vivência), onde veremos como

estas cinco dimensões são abordadas pelo centro. A partir daqui, com estas características e conceitos em mente, podemos compreender melhor o público alvo desta pesquisa, suas maiores necessidades e a importância que o ambiente exerce não apenas na educação, mas no desenvolvimento global destes indivíduos. A partir desta reflexão, iniciamos o estudo das maneiras como o projeto arquitetônico pode permitir que os frequentadores desta instituição terapêutica e de ensino tenham acesso aos diferentes graus de apoio que necessitam para usufruir de uma vida com maior autonomia e bem-estar.

3 A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO NA EDUCAÇÃO DO ALUNO COM AUTISMO

Tendo em vista as principais frustrações e dificuldades vivenciadas cotidianamente pelos indivíduos autistas, já narradas nas seções anteriores, iremos estudar as várias maneiras como o projeto arquitetônico pode melhorar a experiência das pessoas com autismo nos ambientes construídos. A fim de organizar e sistematizar o pensamento, agruparemos essas estratégias de acordo com as dificuldades vividas e as respectivas respostas da arquitetura. (AAIDD, 2006).

3.1 Imaginação

A resistência às mudanças e a capacidade limitada de imaginar são, como foi dito anteriormente, dois dos sintomas mais comuns presentes em indivíduos autistas. Essas características levam a dificuldades ou nervosismo extremo ao trocar de tarefa ou de ambiente. O principal problema é que eles podem não conseguir imaginar, ou seja, elaborar uma imagem mental, do que está atrás de uma porta ou parede, mesmo que saibam em que sala estão entrando. Nos ambientes escolares ou domésticos, esse problema geralmente é enfrentado antecipando-se as atividades que serão realizadas em breve, evitando, tanto quanto possível, mudanças inesperadas nas tarefas e rotinas programadas. (AAIDD, 2006).

Esta dificuldade de construir uma imagem mental do ambiente, bem como de integrar as partes em um todo, pode ser resolvida projetando-se o edifício com uma estrutura clara, adotando-se juntamente elementos que promovam determinada ordem e unidade, de tal forma que o ambiente se torne facilmente legível e previsível, imaginável. (Smith, 2009)

No que diz respeito às transições entre espaços, a ansiedade pode ser reduzida com a utilização de cores e ilustrações nas portas, mostrando o uso dos espaços atrás delas, ou com uma estratégia arquitetônica, com a criação de espaços intermediários de transição que permitam a antecipação e compreensão do que está por vir no próximo ambiente. (Sánchez, 2011)

3.2 Comunicação

O comprometimento na comunicação verbal e não verbal, em conjunto com as dificuldades no processamento da informação, tornam essencial que o ambiente seja adaptado de forma a ajudar os indivíduos a superar estas barreiras psicológicas. São normalmente instaladas “pistas” concretas e facilmente perceptíveis no espaço, que auxiliam as pessoas autistas a compreender tarefas, rotinas e espaços. (Sánchez, 2011)

Como descrito por Sánchez (2011) o indivíduo autista geralmente precisa de suporte visual para a comunicação, e muitas vezes são utilizadas ilustrações, fotos, entre outros recursos para auxiliá-lo nesta tarefa. O ambiente construído deve então ser capaz de acomodar essas formas de comunicação, sendo planejada sua localização e integração corretas. Como mencionado anteriormente, codificar elementos com cores, por exemplo, também pode ajudar na comunicação. Sánchez (2011) ressalva que também é de extrema importância que o fundo visual seja o mais neutro possível. Um esforço deve ser feito para organizar o ambiente, removendo elementos supérfluos, minimizando detalhamentos e empregando faixas cromáticas não vivas reduzidas.

3.3 Interação Social

A dificuldade de interação social está por definição - embora em graus diferentes - presente em indivíduos com autismo e diversas estratégias educativas visam auxiliar nesta dimensão. Sánchez (2011) orienta sobre a necessidade de prover espaços que permitam e favoreçam essas interações.

A doutora em Filosofia e Ciências da Educação aconselha uma combinação adequada de espaços grandes e pequenos - nos quais se pode, à vontade, interagir mais próximos uns dos outros. Além disso, em algumas situações um indivíduo com autismo pode se sentir sobrecarregado por uma situação de interação social e, portanto, precisa de um espaço onde se possa se recolher, em busca de maior intimidade, ou apenas uma interação mais simples, com poucas pessoas, ou mais familiares. (Sánchez, 2011)

3.4 Dificuldades Sensoriais

Dificuldades na recepção ou processamento de estímulos sensoriais também é um sintoma frequente de TEA. Como essas deficiências podem assumir a forma de hipersensibilidade visual, auditiva, vestibular, olfativa, proprioceptiva ou tátil, ou por vezes hipossensibilidade ou percepção multicanal (sons que provocam imagens ou cheiros, por exemplo), a consideração deste assunto é de extrema importância, e nos levará a selecionar cuidadosamente:

as cores (não excessivamente contrastantes, saturadas ou brilhantes), padrões, texturas (que como pondera Beaver (2006), podem ser bem sucedidas inclusive acusticamente, na quebra de ondas sonoras refletidas em acabamentos ásperos ou rugosos como tijolos a vista e com isso reduzindo níveis de ruídos no ambiente); as propriedades acústicas dos diferentes materiais e elementos construtivos; a iluminação (tentando alcançar uma iluminação difusa, de preferência natural, e evitando tubos fluorescentes, pois sua cintilação e zumbido podem inquietar um indivíduo com hipersensibilidade auditiva ou visual); os acessórios e equipamentos do ambiente, como de ventilação e ar condicionado (reduzindo gradientes de temperatura e limitando ruídos e vibrações). (CEETOV, 2022)

As salas de estimulação multissensorial - também chamadas de salas Snoezelen - também são muito usadas nos projetos para pessoas com autismo, pois permitem que as elas “sintonizem” sua percepção sensorial, minimizando ou maximizando (em casos de hipossensibilidade), auxiliando também na redução de ansiedade em determinados momentos. (Beaver, 2006)

3.5 Comportamento e Segurança

Condutas agressivas podem ser frequentes em indivíduos autistas, os elementos presentes no ambiente construído devem, portanto, ser concebidos e escolhidos tendo em vista a possibilidade de eventuais transtornos. Equipamentos de banheiro, dispositivos e mecanismos de iluminação, ferragens, corrimões, ladrilhos de parede e piso, etc., devem estar bem ancorados. Em momentos de crise é comum que - como uma forma de extravasar as frustrações - a pessoa alterada direcione pancadas violentas a objetos como portas, mesas, paredes e janelas, que quando quebrados podem ocasionar ferimentos graves. (Beaver, 2006)

Deve-se levar em conta também que para crianças em geral, e principalmente algumas com autismo, como recorda Beaver (2006), janelas abertas são um convite aos que têm tendência a escapar. É aconselhável, então, que a organização do ambiente se

dê de forma a garantir que portas e janelas sejam abertas e fechadas apenas por funcionários, ficando fora do alcance das crianças.

É importante também que os ambientes não sejam ameaçadores, o medo pode paralisá-las completamente e até bloquear as interações sociais. Inversamente a isso, os ambientes devem ser acolhedores e oferecerem uma sensação de aconchego e segurança.

3.6 Integração Sensorial

É uma forma de trabalhar as disfunções sensoriais presentes em muitas das crianças autistas. As disfunções sensoriais fazem com que os autistas sejam muito ou pouco sensível à recepção de sensações, afetando sua percepção e entendimento do ambiente a sua volta (Khare & Mullick, 2008). Salas de integração sensorial promovem oportunidade multissensoriais no ambiente que ajudam as crianças a integrar seus sentidos para um melhor entendimento, este tipo de terapia também ajuda os autistas a desenvolverem tolerância aos sentidos que os incomodam e os deixam mais calmos (Khare & Mullick, 2008).

Pode-se criar uma variedade de configurações de sala de aula com estímulos variavelmente controlados. Salas de baixo estímulo sensorial, calmas e com distrações controláveis para ajudar a focar no ensino individualizado (CRUZ, ABDALA, & ANTUNES, 2015). São importantes também as salas com estímulos sensoriais específicos, utilizando-se de luz e som com técnicas interativas que podem ajudar as crianças com dificuldades de aprendizagem a melhorar sua coordenação, desenvolver a compreensão de causa e efeito ou promover o relaxamento (CRUZ, ABDALA, & ANTUNES, 2015).

3.7 Segurança E Proteção

Devem ser priorizadas em ambientes com crianças com autismo. Elas são vulneráveis ao meio ambiente, devido a sua disfunção sensorial, comprometimento na comunicação e a falta de consciência de perigos. Deve -se evitar criar espaços muito abertos ou que seja possível uma fuga. (Khare & Mullick, 2008)

3.8 Identidade visual e legibilidade

São estratégias essenciais na criação de espaços que estimulem a independência dos autistas em localizarem e conviverem melhor na edificação proposta. Deve-se

incorporar informações visuais concretas nos ambientes, para utilizar a capacidade de reconhecimento visual dos indivíduos como forma de torná-los mais independentes (KHARE & MULLICK, 2009; e CRUZ, ABDALA, & ANTUNES, 2015).

Pode-se fazer isso através da criação de caminhos evidentes, portas e acessos identificados e nomeados, zonas com códigos de cores, limites definidos, formas simples, numerações, sinalizações claras, entre outros (CRUZ, ABDALA, & ANTUNES, 2015). As cores podem desempenhar um papel importante nas sensações do edifício, existem cores neutras, cores calmas, cores perturbadoras e cores estimulantes, elas devem ser escolhidas cuidadosamente, para assegurar um equilíbrio, principalmente entre espaços comuns e privados (BEAVER, 2006). Também é importante fornecer aos usuários informações sobre o ambiente por meio dos outros sentidos (olfato, audição e tato).

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa será de natureza descritiva-exploratória, que segundo Gil (1999) tem como objetivo principal desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores, segundo o autor, estes tipos de pesquisas são os que apresentam menor rigidez no planejamento, pois são planejadas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.

Segundo Medeiros (2009), o método indutivo ou indução é o raciocínio que, após considerar um número suficiente de casos particulares, conclui uma verdade geral, Medeiros (2009) também afirma que a pesquisa qualitativa é um tipo de método de investigação de base linguístico-semiótica usada principalmente em ciências sociais, já para Gil (1999) A revisão bibliográfica, ou revisão da literatura, é uma análise metódica e ampla das publicações correntes em uma determinada área do conhecimento, com foco em uma temática a ser abordada, desta forma, estes serão os instrumentos utilizados para a coleta de dados durante essa pesquisa.

Nesta próxima parte do trabalho são apresentados os conceitos e a literatura que servem de base e referência para a fundamentação dos argumentos teóricos e dos critérios e escolhas de projeto desenvolvidos neste estudo. Estes referenciais foram subdivididos temas: (1) o Transtorno do Espectro Autista, a deficiência intelectual e suas especificidades; (2) a influência do espaço na educação do aluno com autismo; (3)

os critérios de projeto que auxiliam a programação de ambientes arquitetônicos influentes na educação de alunos com autismo ou necessidades educativas especiais. Esta síntese de conceitos direciona a pesquisa, permitindo que seja estabelecida uma relação teórica com o projeto. (Gil, 1999)

Foi realizada uma revisão bibliográfica da produção científica nacional e internacional sobre o tema que abrange a relação da pessoa autista ou com deficiência intelectual com a arquitetura e o ambiente construído, objetivando assim fundamentar significativamente todas as decisões de projeto da edificação proposta, sendo estas coerentes com as necessidades dos que utilizarão estes ambientes. (Gil, 1999)

Embora não seja necessário que o leitor deste trabalho receba uma longa descrição sobre o autismo e a deficiência intelectual, acredito ser importante destacar neste momento alguns pontos que são relevantes para o processo de concepção de espaços para pessoas com o Transtorno do Espectro Autista. É importante saber quais características estão - ou podem estar - presentes em indivíduos com autismo para que possamos determinar quais atributos um ambiente construído deve apresentar para facilitar sua compreensão por eles. (Santos, 2016)

Isso levará, também, como atenta Sánchez (2011) e Santos (2016), ao alcance de outros objetivos, que vão além - mas dependem em muitos aspectos - da própria arquitetura, como auxiliar no processo de aprendizagem, promover a autonomia, facilitar a socialização, garantir a independência ou mesmo, de um ponto mais amplo de vista, preservar a dignidade dos indivíduos com autismo.

O isolamento - ou solidão, nas palavras de Sánchez (2011) -, é uma das características mais enigmáticas do autismo. Quando o psiquiatra Kanner (1943) descreve pela primeira vez o transtorno autista, ele considera que a sua principal limitação é a incapacidade de se comunicar com outras pessoas, o que leva a uma “solidão autista extrema”. Nesta primeira descrição, Kanner especifica uma série de aspectos comuns às crianças que ele estudou, sendo estes enumerados resumidamente da seguinte forma:

1. Incapacidade de se relacionar com outras pessoas, pelo menos de uma forma comum;
2. Extrema solidão autista, que aparentemente isola a criança do mundo exterior;
3. Resistência aparente a ser abraçado ou levantado;
4. Prejuízos na linguagem, que podem incluir mutismo, reversão de pronome, ecolalia ou expressões idiossincráticas, entre outros;
5. Em alguns casos, uma excelente memória mecânica;

6. Preferência por certos alimentos específicos, desde tenra idade;
7. Medo de ruídos intensos;
8. Desejo obsessivo de repetição e insistência na mesmice;
9. Variedade limitada de atividades espontâneas (como brincadeiras comuns);
10. Estranhas estereotípias motoras, como girar ou balancear;
11. Aparência física normal;
12. Início durante os primeiros três anos de vida.

Além destes aspectos, algumas características mais pontuais, como descreve Cruz (2015), são comuns no cotidiano de pessoas autistas, dentre elas podemos citar a boa habilidade na coordenação visual-motora, a facilidade de memória na aprendizagem de palavras, a dificuldade na aquisição de hábitos de limpeza, o comportamento auto agressivo frequente e a dificuldade de manter atenção.

Como destaca Sánchez (2011), as três principais dificuldades enfrentadas pelos indivíduos autistas - em diferentes graus - estão na comunicação (verbal e não verbal), na reciprocidade social e na imaginação. - O termo "imaginação" aqui deve ser entendido em seu sentido mais amplo: a capacidade de ver mentalmente ou pensar em coisas que não estão realmente presentes no momento - ou que até mesmo nem existam. Como explicado por Sánchez (2011), o comprometimento da imaginação acarreta, por exemplo, no desinteresse por brincadeiras simbólicas, a ausência de comportamentos imaginativos e a insistência de interesses e atividades repetitivas.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 Planejamento

O planejamento dos ambientes e do layout irão ditar como o edifício funciona e como será usado (Beaver, 2006). Ao fornecer uma estrutura física, cria-se um claro limite físico e visual, com isso cada atividade é claramente associada com um espaço físico, por exemplo, ao colocar estrategicamente mobiliários podemos definir áreas para atividades individuais e em grupo, áreas de diversão, leitura, lanche e outras áreas da sala de aula (Khare & Mullick, 2008).

5.2 Simplicidade e Clareza

São princípios que potencializam a compreensão dos ambientes, com isso menos esforço é necessário para entender, usar e desfrutar da edificação. Um layout claro, zoneamento claro, formas simples, sem poluição visual, podem auxiliar indivíduos com

autismo a perceber o espaço construído mais facilmente (Khare & Mullick, 2008). Um fácil reconhecimento dos espaços e salas é essencial e pode ser determinado por pisos coloridos ou na forma que um espaço se conduz a outro (Beaver, 2006).

5.3 Flexibilidade

Pela diversidade que é o espectro autista, devemos ter em mente que além de tudo que foi citado, o layout deve ser bastante flexível, para que possa se adaptar as mais diferentes atividades e necessidades individuais de cada autista (Khare & Mullick, 2009). Além disso a flexibilidade dos ambientes pode-se dar por meio de mobiliário, arranjos espaciais e iluminação, que permitam a adaptação de programas de ensino, o rearranjo e subdivisão dos espaços (Cruz, Abdala, & Antunes, 2015).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ponto do trabalho foi elaborada a fase de projeto preliminar de uma edificação e paisagismo que atende às necessidades do CEETOV. Foi apresentado de forma lúdica a proposta arquitetônica atendendo os critérios previamente estabelecidos de integração sensorial, legibilidade, clareza, possibilidade de flexibilidade de layout e arranjos espaciais, além de ambientes inclusivos e seguros.

Foram concebidos neste artigo espaços que convidam e incentivam a população geral a se aproximar e participar das atividades do centro, acarretando na possível reeducação da sociedade, na eliminação de atitudes preconceituosas, estigmatizantes, estereotipadas e discriminatórias. A promoção de atividades no centro e no seu entorno promovem a sensibilização, conscientização e estimulam a convivência com os indivíduos frequentadores do centro.

Desta forma pode-se inferir a partir do disposto no decorrer deste trabalho, que a criação do espaço do autista para Estância Turística de Ouro Preto do Oeste é de suma relevância, pois viabilizará a inclusão dos mesmos e atenderá as suas características e particularidade, concernentes ao transtorno do espectro autista, visto que os mesmos necessitam de atendimento especializado.

REFERÊNCIAS

AHRENTZEN, Sherry; STEELE, Kimberly. **Advancing full spectrum housing: Designing for adults with autism spectrum disorders**. Technical report, Arizona Board of Regents, Phoenix, Estados Unidos, p. 1-30, 2009.

AMERICAN ASSOCIATION ON REFERÊNCIAS MENTAL RETARDATION (AAMR). **Mental Retardation: Definition, Classification, and Systems of Support**. 9. ed. American Association on Mental Retardation. Washington, DC, Estados Unidos. 1992.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE RETARDO MENTAL. **Retardo mental – definição, classificação e sistemas de apoio**. 2002. 10ª edição. (Tradução de Magda França Lopes). Editora: ARTMED, Porto Alegre, 2006.

BEAVER, Christopher. **Designing Environments for Children and Adults with ASD**. Autism Safari 2006: 2nd World Autism Congress & Exhibition Autism Spectrum Disorder, 2006.

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. **Avaliação das possibilidades do ensino colaborativo no processo de inclusão escolar do aluno com deficiência mental**. 2004. 302f. **Dissertação (Doutorado em Educação Especial)** - Universidade Federal de São Carlos, 2004.

CARDOSO, Alenilton da Silva. **A Educação Especial na Perspectiva da Dignidade Humana**. **Revista Em Tempo UNIVEM**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 11-26, dez./2012.

CRUZ, Débora Rodrigues. **Arquitetura e espacialidade escolar para o aluno com deficiência intelectual: percepção ambiental em escolas com atendimento educacional especializado em Juiz de Fora/ MG**. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído) - Faculdade de Engenharia, Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. 192f. 2015.

CRUZ, Débora Rodrigues; ABDALA, José Gustavo Francis; ANTUNES, Katiúscia Cristina Vargas. **Deficiência Intelectual e Autismo: Critérios para uma observação da arquitetura escolar**. IV Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído, 2015.

GARCIA, Rosalba Maria Cardoso. **Políticas públicas de inclusão: uma análise no campo da educação especial brasileira**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, SC. 227f. 2004.

GIL, A. C.. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

KANNER, Leo. **Autistic disturbances of affective contact**: Nervous child 2. ed. 1943. p.217–230.

KHARE, Rachna; MULLICK, Abir. **Educational spaces for children with autism: design development process**, CIB W 084 Proceedings, Building Comfortable and Liveable Environment for All. Atlanta, Estados Unidos. p. 66–75, mai/2008.

LAUREANO, Claudia de Jesus Braz. **Recomendações Projetuais Para Ambientes Com Atendimento De Terapia Sensorial Direcionados A Crianças Com Autismo**. 2017. 190f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica**. 09. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

RICHER, John M.; NICOLL, Stephen. **The Physical Environment of the Mentally Handicapped: IV – A Playroom for Autistic Children and It's Companion Therapy Project** -a synthesis of ideas from ethology, psychology, nursing and design. British Journal of Mental Subnormality, Cambridge, v. 17, n. 33, p. 123- 143, dez./1971.

ROCHA, Malú Aguiar da. **Apae Garopaba: um novo espaço para a escola especial renascer**. 2019. 113f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

SÁNCHEZ, Pilar Arnaiz; VÁZQUEZ, Francisco Segado; SERRANO, Laureano **Albaladejo; Autism and the Built Environment: Autism Spectrum Disorders - From Genes to Environment**. 1. ed. Croácia: Tim Williams, 2011. p. 363-380.

SANTOS, André Luiz. **Plano de desenvolvimento institucional** - PDI do Centro de Educação Especial, Terapia Ocupacional E Vivência - CEETOV. Biguaçu, SC. p. 1-6, 2016.

SCOTT, Iain Edinburgh. **Designing learning spaces for children on the autism spectrum**. GAP: Good Autism Practice, Escócia, v. 10, n. 1, p. 36-51, mai./2009.

SMITH, Dianne Joy. **Spatial design as a facilitator for people with less visible impairments**. AMJ: Australasian Medical Journal, Austrália, v. 2, n. 13, p. 220-227, jan./2009.

VÁZQUEZ, Francisco Segado; TORRES, Alejandra Segado. **Autism and architecture**. Revista Psiquiatria Clínica, v.40 n.2, p.85-86, 2013.

VOGEL, Clare L. **Classroom design for living and learning with autism**, **Autism Asperger's Digest**. p. 1-9, mai/jun 2008.



INSTITUTO FEDERAL
Rondônia



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

ANEXOS

Este projeto arquitetônico foi desenvolvido para Estância Turística De Ouro Preto Do Oeste com base nos moldes do CEETOV.

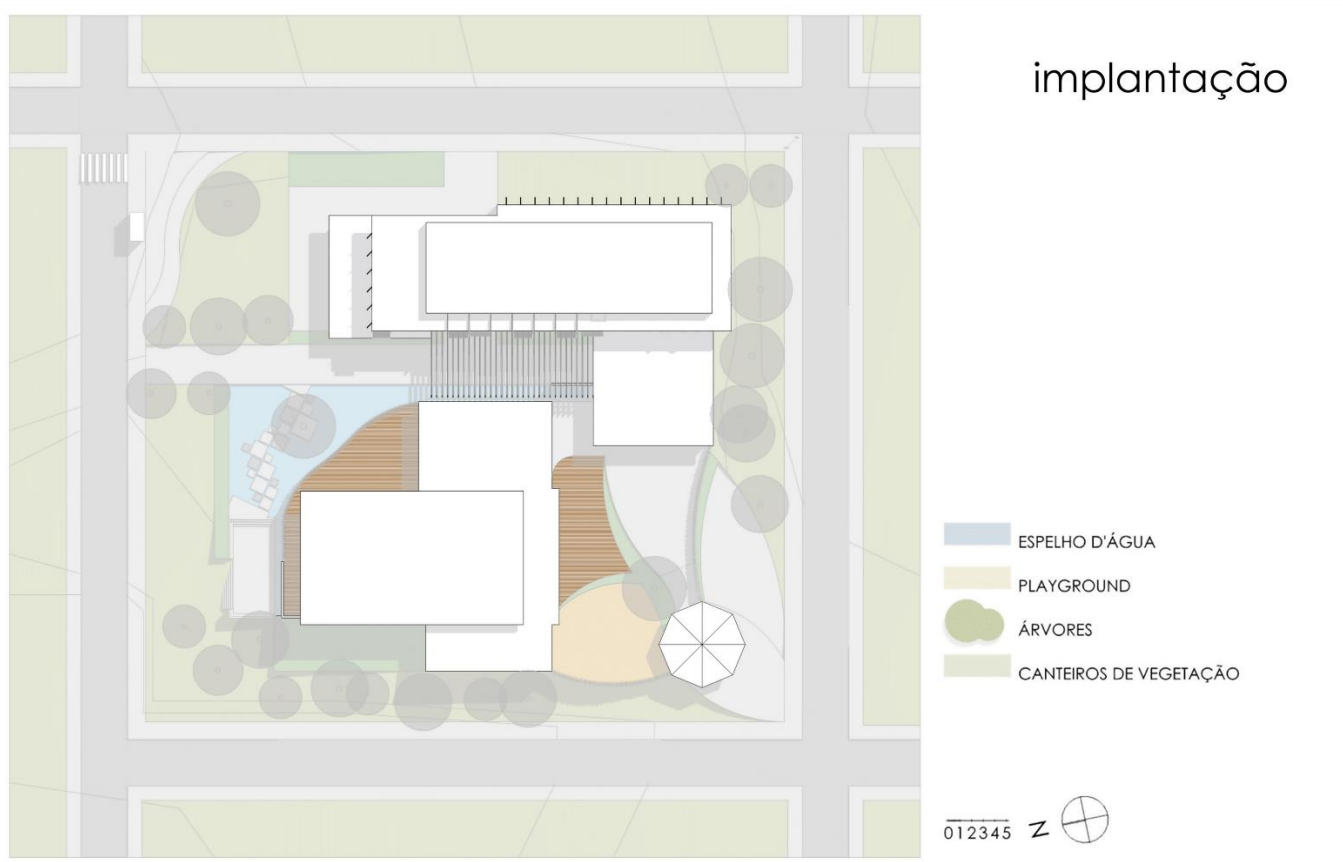
Projeto arquitetônico

Figura 1 - IMPLANTAÇÃO

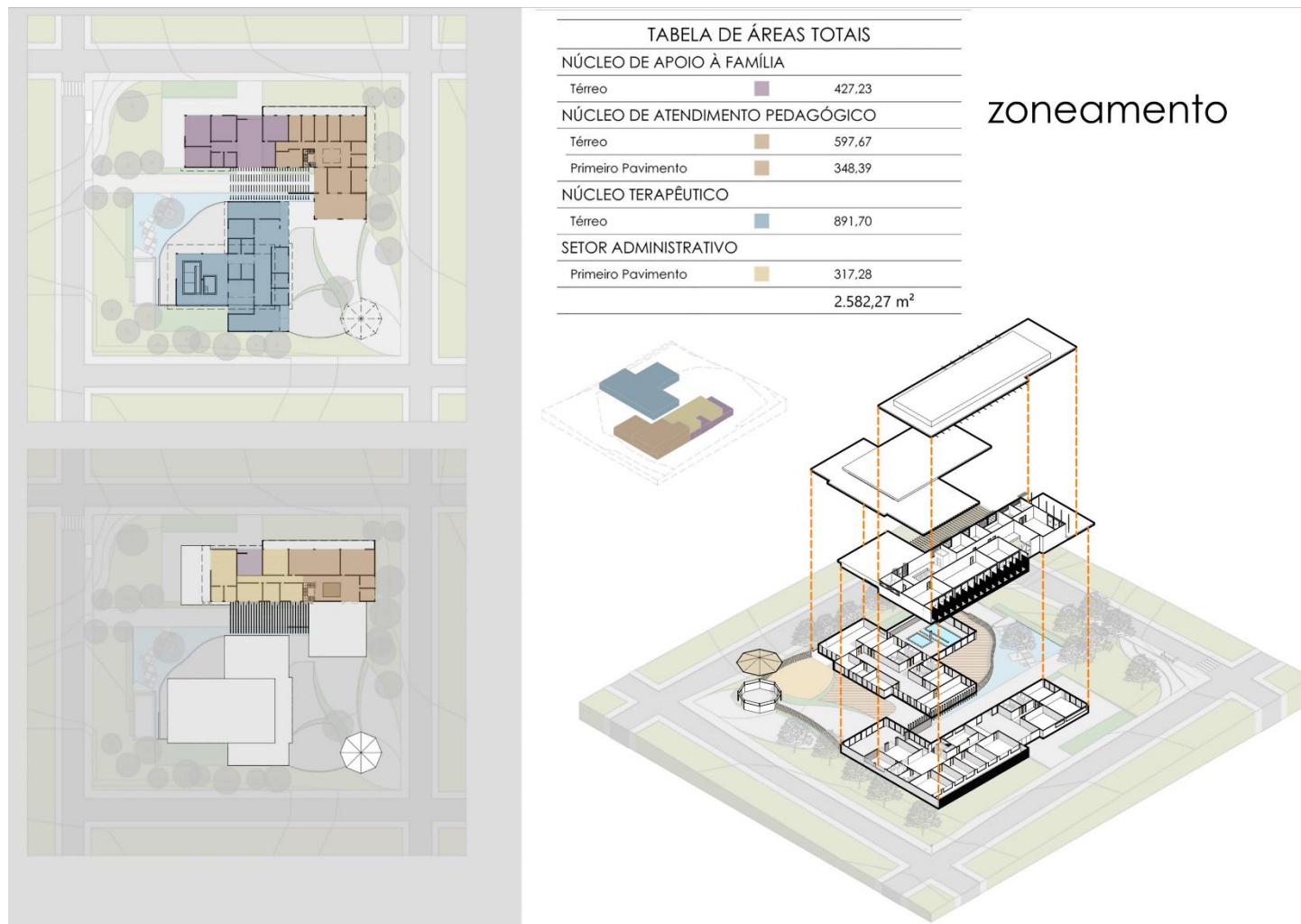


Figura 2 - ZONEAMENTO

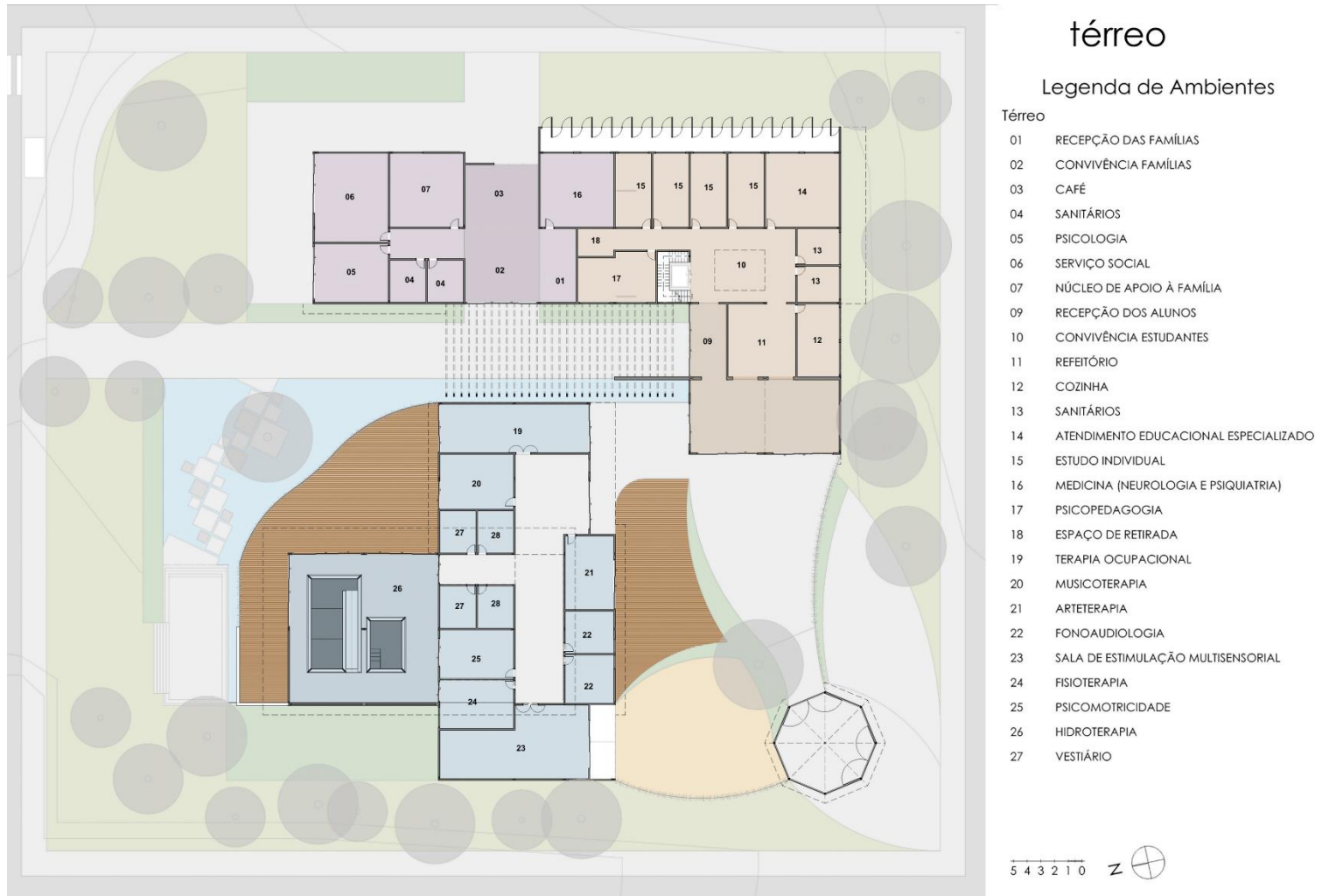


Figura 3 - TÉRREO

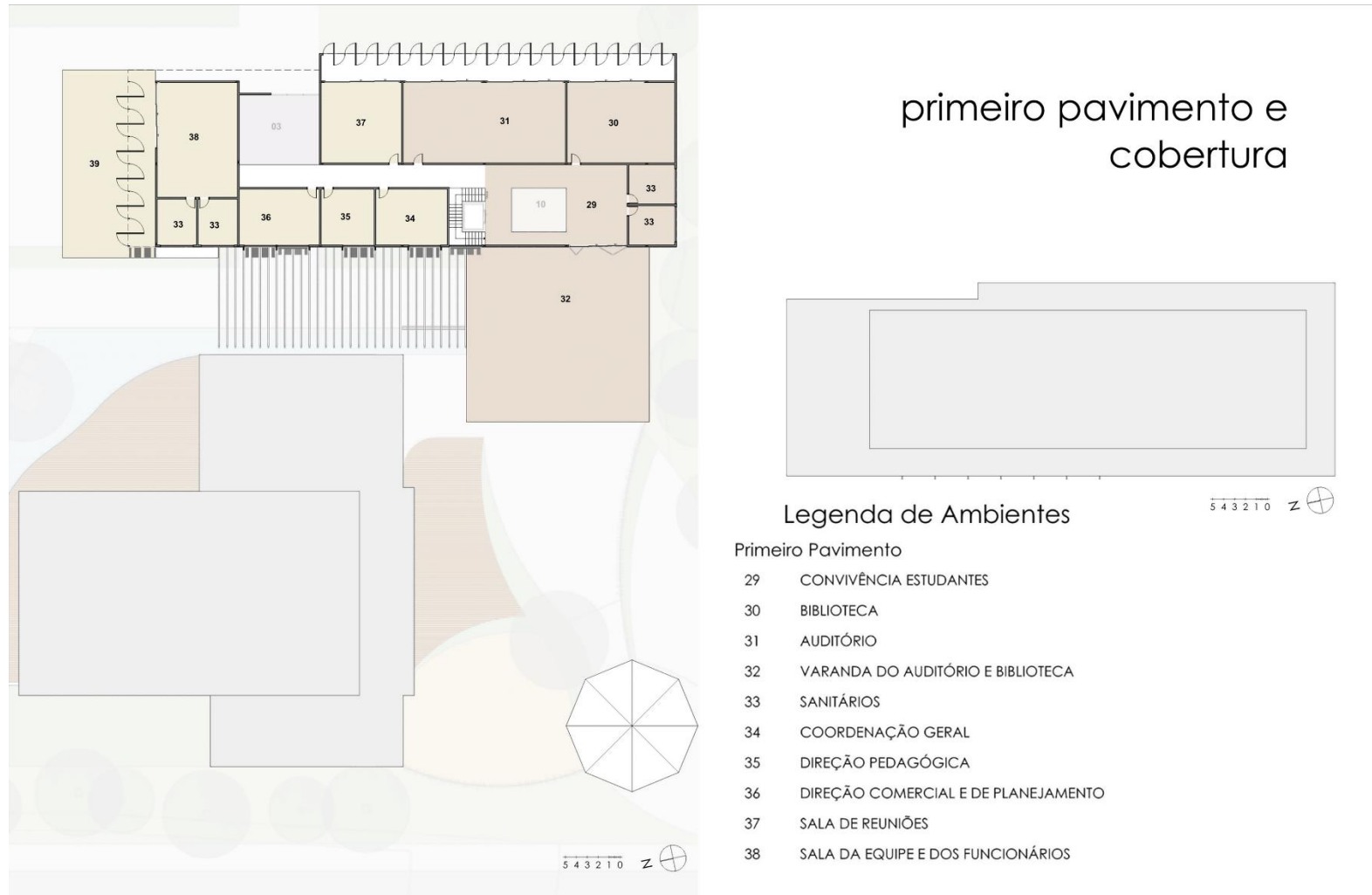


Figura 4 - 1º PAVIMENTO E COBERTURA

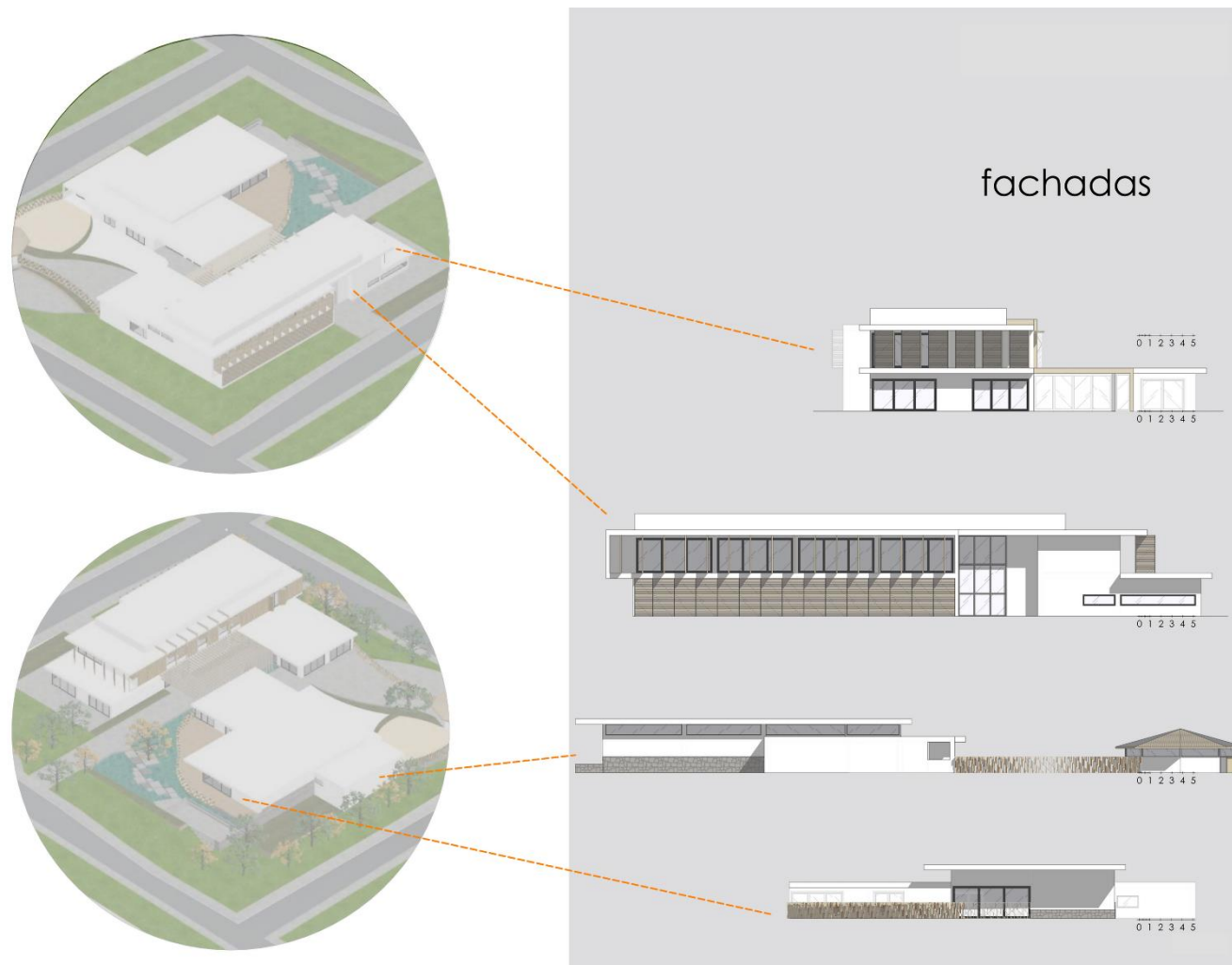


Figura 5 - FACHADAS

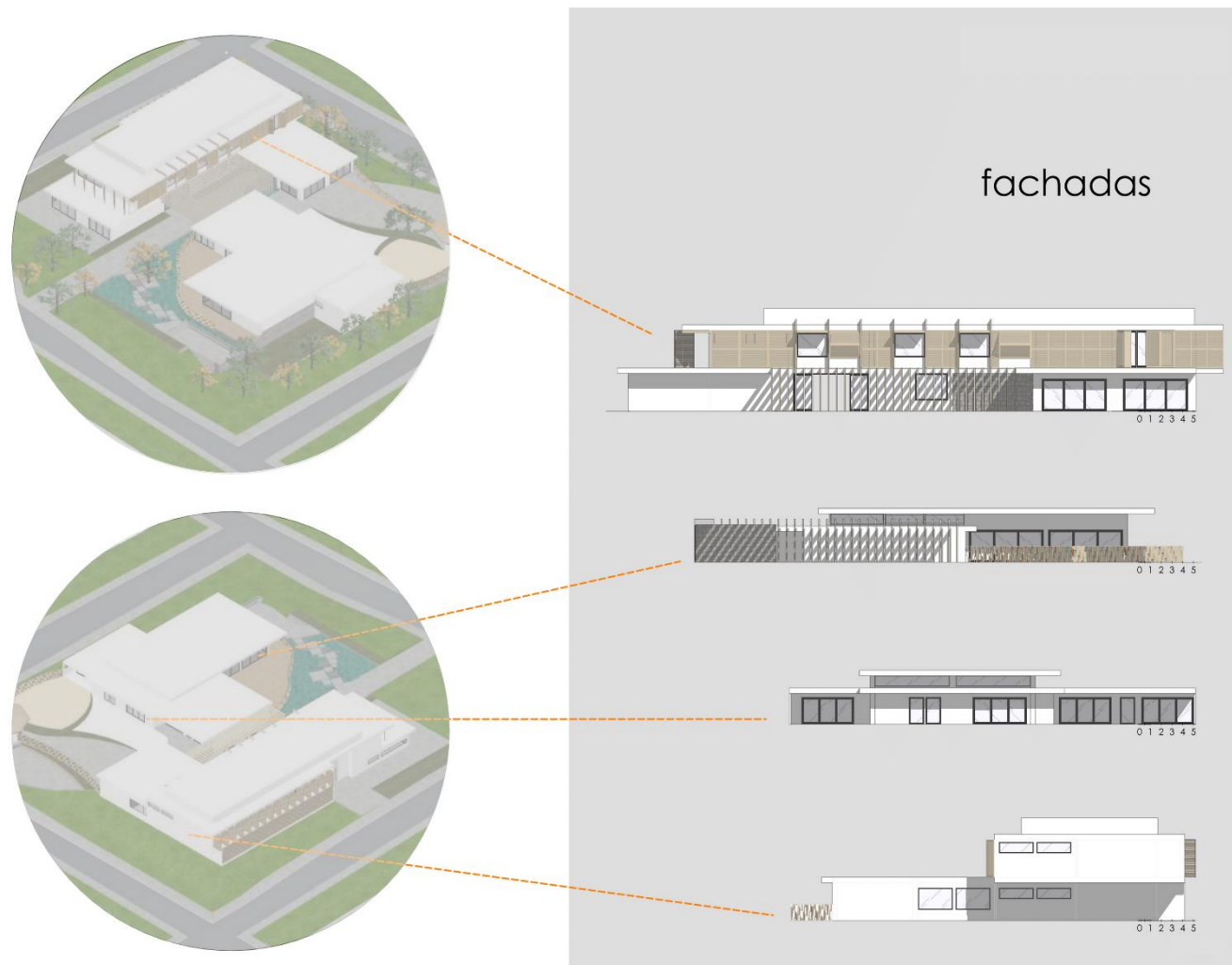


Figura 6 - FACHADA EXTERNA